



O CONFLITO INTERIOR DE UM CESSACIONISTA

Palestra proferida no encontro regional da Evangelical Theological Society (Sociedade Teológica Evangélica) em 1994, na Universidade John Brown em Arkansas, E.U.A

Por Dr. Daniel B. Wallace - Professor de Novo Testamento do Dallas Theological Seminary

Tradução: Jule Rose Rocha Rios

www.bible.org/page.asp?page_id=1548

INTRODUÇÃO

Como aconteceu com ex-presidentes dessa instituição, tive muito tempo para pensar sobre essa palestra. No meu caso, o tópico que tinha em mente há dois anos atrás, foi engavetado. Nos últimos dezoito meses, creio que o Senhor colocou no meu coração um novo tópico. Em breve vocês saberão o que causou tal mudança. Sobre o restante da palestra, vocês julgarão se a motivação veio do Senhor ou de outra fonte.

Três comentários preliminares são necessários. Primeiro, preciso definir minha audiência alvo. Alguns de vocês são carismáticos ou pentecostais. Não vou falar a vocês hoje. Mas creio que vão concordar com muitas das coisas que irei dizer. Convido-os a ouvir atentamente, à medida que me dirijo aos meus irmãos e irmãs não-carismáticos.

Segundo, falo de uma posição não-carismática ou cessacionista. Isto significa que creio que certos dons do Espírito Santo operavam nos primeiros estágios do cristianismo para autenticar que Deus estava fazendo algo novo. Estes "dons de sinais" - como os dons de cura, línguas, milagres - cessaram com a morte do último apóstolo. É isto que quero dizer com

"cessacionismo". Alguns de vocês cessacionistas se definem como "cessacionistas moderados", e acreditam que alguns dos dons de sinais continuam, ou que eles podem surgir onde o evangelho é pregado pela primeira vez (1), ou talvez você é, no presente, um "agnóstico" acerca desses dons, mas não é um carismático praticante.

Para efeito dessa discussão, tomarei uma linha radical. Neste caso, qualquer afirmação minha sobre o ministério do Espírito Santo hoje, não deve ser entendido como sendo de um carismático velado. Além do que, não é meu propósito defender o cessacionismo. Este assunto, creio eu, será discutido em um painel amanhã. Pelo contrário, desejo endereçar algumas questões que eu, como um cessacionista, tenho sobre o papel do Espírito Santo hoje entre os cessacionistas.

Terceiro, baseados em outras exposições minhas nas reuniões dessa instituição, vocês podem estar esperando uma preleção fortemente documentada, exaustivamente pesquisada e até um tanto quanto abstrata e acadêmica. Esta palestra não será assim. Há lugar para tais abordagens, mas não aqui, não agora, não com este tópico. Pelo contrário, essa

mensagem será pessoal e descontraída. Espero que, apesar das "escassez" de notas de rodapé, você não descarte essa mensagem como inverídica. É uma mensagem nascida da minha experiência com Deus. Isto, certamente a desqualifica para publicação em qualquer periódico teológico. Mas espero, e oro, que ela não se desqualifique em estimulá-lo intelectualmente - não, como já mencionei, porque tenha investigado cada área e aspectos da pneumatologia, mas porque contém verdade. Espero - e este é meu real desejo e oração - que seus corações sejam tão convencidos quanto suas mentes estimuladas.

Essa mensagem está dividida em duas partes. Primeiro, é um testemunho pessoal - tópico este raramente mencionado em nossas reuniões. Talvez porque, em nosso esforço erudito para evitar argumentos "ad hominem", desprezamos qualquer coisa de natureza pessoal. Mas nossas mentes não podem ser separadas dos nossos corações. Mesmo correndo o risco de me tornar vulnerável, de me expor a acusações tais como "as posições de Wallace podem ser descartadas, pois sabemos de onde elas vêm", desejo compartilhar com vocês um pouco de quem eu sou e o que Deus está fazendo na minha vida. Segundo, tenho onze teses para compartilhar com vocês, teses que lidam com nossas deficiências em nos relacionar com o Espírito Santo. Essas teses estão em seu estado inicial (2). Em breve gostaria de "pregar" 95 delas!

MINHA JORNADA ESPIRITUAL

Cresci em uma igreja Batista conservadora no sul da California. Me converti aos 4 anos em uma Escola Bíblica de Férias, no verão de 1956. Meu irmão, na maturidade dos seus 5 anos e meio, me levou a Cristo.

Ironicamente, naquela época ele ainda não era convertido. Alguns anos depois, fui o instrumento usado por Deus para levá-lo ao Salvador. Cresci na igreja. Minha juventude foi caracterizada por timidez: Era um "Clark Kent" sem ego. Tinha medo da vida, medo de explorar, medo de

questionar audivelmente. Apesar de tudo isso - ou talvez por causa disso, era líder do grupo jovem. Mas eu tinha muitas dúvidas, dúvidas estas que não queriam calar! Questionamentos acerca de uma autêntica experiência cristã. Aos 16 anos me encontrei em uma crise tremenda: deveria ou não pedir Terri C. em namoro?

Por causa dessa crise em minh'alma, prontamente concordei quando um amigo me convidou para um encontro carismático em Melodyland em Anaheim, California. O lugar estava lotado. Milhares de pessoas estavam lá. O preletor disse certas coisas que me perturbaram intelectualmente. Estava pronto para ir à frente e lhe dar corretivo. Ao me levantar, o Espírito Santo "agarrou" meu coração e disse: "Não, não é por isso que você vai à frente. Você precisa se endireitar com Deus". Agora, essas palavras não foram audíveis, e não devem ser escritas em vermelho! Mas, ao levantar-me, e antes de dar um passo, estava completamente convencido do meu pecado. Sem dúvida o Espírito de Deus estava naquele lugar.

Ao ir à frente, outras 400 ou 500 pessoas foram também. Com centenas de pessoas ali, fiquei surpreso quando o preletor, microfone em mãos, me escolheu: "Por que veio à frente, jovem?" Perguntou. "Para rededicar minha vida a Cristo", respondi. Que bom que o Espírito Santo mudou meu coração antes de eu abrir a minha boca! Aquela noite, 6 de janeiro de 1969, foi o início de uma reviravolta na minha vida. Comemoro como o dia do meu nascimento espiritual - desde que minha conversão aos 4 anos foi, e continua sendo um pouco "confusa".

Naquela mesma noite, antes de deixar Melodyland, um homem chamado David Berg me convidou para visitar sua comunidade cristã em Huntington Beach. Seu grupo, conhecido então como "Huntington Beach Light House" (O Atalaia de Huntington Beach), tornou-se conhecida como "Os Filhos de Deus". David Berg ficou conhecido como David Moses ou Moses David.

Me juntei ao grupo e me tornei um carismático. O grupo era vibrante no seu louvor e audacioso no seu evangelismo.

Minha fé estava viva: Minha vida de oração estava se desenvolvendo e ganhei coragem! Eu orava por horas a fio, para que Deus me desse o dom de línguas. Quando um dos apóstolos (apóstolo Bob, eu acho) (3) descobriu que não falava em línguas, perguntou se eu já tinha sido batizado no Espírito. Quando respondi negativamente, ali mesmo ele impôs suas mãos sobre mim. Vendo que nada acontecia, ele duvidou da minha salvação.

Então, deixei o grupo. Nos meses que se seguiram, me congreguei na Calvary Chapel, onde o movimento neo-carismático teve sua origem. Finalmente, e de maneira natural, deixei de uma vez por todas o movimento carismático. Mas meu zelo por Deus não diminuiu. Eu fazia parte do "movimento de Jesus" como um não-carismático. Eu continuava a orar, evangelizar e a ler minha Bíblia. Na verdade agora gastava mais tempo lendo e semanalmente lia meu Novo Testamento de capa a capa. Eu via a mão de Deus em tudo. E o Senhor me dava porção extra de coragem, que não era e não é naturalmente minha (4). Apesar de ter deixado o movimento carismático, demorou um tempo até eu trocar a minha paixão por Jesus pela paixão pela Bíblia.

Por causa do meu interesse em assuntos espirituais, decidi ingressar em uma faculdade cristã. Estudei na Universidade Biola, casei com uma bela escocesa (5) e fui para o Dallas Seminary para receber mais ensino teológico.

Com o passar dos anos, depois de estudar em uma faculdade cristã e em uma instituição de pós-graduação cessacionista, comecei a me afastar do meu primeiro e vibrante contato com Deus. Meu entendimento das Escrituras era maior, mas meu andar com Deus estava regredindo para um "engatinhar" com Deus. Sempre tomava uma posição defensiva e apologética nos meus estudos das Escrituras. Nos últimos anos, tenho questionado a importância de tal posição - reconhecendo, pelo menos no subconsciente, que não satisfaz os meus desejos mais profundos.

Joe Aldrich, presidente da Faculdade Bíblica Multnomah, me disse certa vez:

"Leva cerca de 5 anos para um aluno de pós-graduação "descongelar". Para a maioria dos pós-graduados, creio eu, esse "descongelar" acontece durante o curso natural de certos eventos. Mas foram precisamente várias crises para o Senhor voltar a me "esquentar". A última foi o que aconteceu a meu filho Andy, dois anos atrás, quando ele tinha 8 anos.

Em dezembro de 1991, Andy levou um chute no estômago de um colega de escola. Ele sentiu dores que duraram um certo tempo. Dois meses depois, através de uma providencial indiscrição, Andy deixou a porta do banheiro aberta e ao passar pela porta, minha esposa viu algo que a deixou horrorizada: a urina de Andy estava marrom. No mesmo instante ela o levou ao médico da família. Daí por diante começou uma série de consultas a médicos e especialistas, mas nenhum deles pode dizer o que havia de errado. Finalmente, no dia 20 de abril de 1992, ele foi internado no Hospital de Crianças, onde marcaram uma biópsia dos rins. Antes de fazer a biópsia, foi feito um sonograma. Os médicos disseram que poderia haver um coágulo nos rins, mas o sonograma mostrou que havia algo mais. Talvez fosse um tumor. Um médico sugeriu uma cirurgia exploratória no lugar da biópsia. Para nós parecia loucura abrir o nosso "Beaker" (apelido de Andy). Com muita má vontade, autorizamos o procedimento cirúrgico.

Antes da cirurgia, o médico nos disse: "Sr. e Sra. Wallace, eu não ficaria muito preocupado com a cirurgia. O que o sonograma revelou pode ainda ser só um coágulo. Se não for, é mais provável que seja um tumor benigno. E se não for benigno, é um tumor chamado de "Tumor de Wilm", um câncer de rim congênito encontrado muito em crianças. Há tratamento e cura para esse câncer. Entretanto, se não for um "Tumor de Wilm", há uma possibilidade muito remota de se tratar de um Carcinoma de Célula Renal. Mas esse câncer é tão raro em crianças, que essa possibilidade é praticamente inexistente".

Com o passar das horas e depois da cirurgia, fomos atingidos por "ondas" de notícias terríveis. Andy realmente estava com Carcinoma de Célula Renal. E não o do tipo

normal - que já é bastante letal. Ele tinha um tipo bem mias agressivo. Menos de dez crianças diagnosticadas com esse tipo de câncer, viveram por mais de 2 anos. Além da cirurgia radical, até onde a ciência médica pode dizer, não há tratamento nem cura para esse tipo de câncer.

Coisas boas aconteceram em meio a tudo isso. Notícias que me deram e continuam a me dar esperanças que meu filho irá sobreviver. Primeiro, o garoto que chutou Andy no estômago, provavelmente salvou sua vida. Somente em 1/3 dos casos de Carcinoma de Célula Renal há sangramento na urina. Os sintomas são geralmente dor suportável no estômago e ocasionalmente febre não muito alta. (7) Aquele chute provavelmente causou o sangramento na urina. Segundo, o médico que insistiu na cirurgia exploratória, também salvou sua vida. O câncer de Andy é muito devastador, e todo caso em que uma biópsia foi feito no lugar da cirurgia, o paciente morreu. Em meio aos questionamentos, à confusão, ao clamor a Deus, pude ver Sua mão em tudo.

O rim de Andy foi removido e ele passou por vários testes difíceis, nos quais seu corpo foi totalmente examinado para se verificar a existência de qualquer sinal de câncer. Para aqueles familiarizados com câncer, não preciso falar da tortura de exames de medula óssea. Depois de seis dias, não havia sinal de câncer. Este câncer é tão raro, que o caso de Andy foi o primeiro em 8 anos nos Estados Unidos. No mundo ele é o número 161. Não há grupos de apoio! Antes de Andy deixar o hospital, um grupo de dez médicos não conseguia decidir se faria ou não quimioterapia. Seria uma medida estritamente preventiva, mas, no caso de Andy, prevenção é tudo! Se houvesse reincidência, ele morreria (assim revelam as estatísticas). Nenhuma criança sobreviveu a reincidência desse tipo de câncer. A decisão de fazer ou não a quimioterapia, seria nossa.

Decidimos seguir com a quimioterapia, pois, se Andy não fizesse o tratamento, corria o risco de não sobreviver e este pensamento era quase insuportável para nós. Não posso adequadamente descrever o que foram os seis meses

seguintes para Andy, eu e minha esposa e seus três irmãos. Mas posso afirmar que estava emocionalmente esgotado. Estava com raiva de Deus, e achei que ele estava distante de nós. Aqui estava esse garotinho precioso, que estava perdendo seu cabelo e seu peso. Andy chegou a pesar apenas 19 kg! Seu irmão gêmeo pesava 37 Kg na mesma época. Às vezes Andy estava tão fraco, que tínhamos que carregá-lo.

Através dessa experiência, descobri que a Bíblia não era suficiente. Precisei de Deus de um jeito mais pessoal - não um objeto de estudo, mas um amigo, um guia, um confortador. Precisava de uma experiência existencial do Espírito Santo. Francamente, descobri que a Bíblia não tinha a resposta. Descobri que as Escrituras ajudam como um guia - um guia às vezes até autoritário. Mas sem sentir Deus, a Bíblia me dava pouco conforto. Em meio a este "verão no inferno", comecei a examinar o que tinha acontecido com a minha fé. Descobri uma necessidade de me aproximar de Deus, mas me achei incapaz de fazê-lo. Anelava por Ele, mas encontrava restrições a esta busca na minha comunidade cessacionista. Minha tradição evangélica e meu coração sufocavam o Espírito.

Foi a minha experiência com o câncer do meu filho, que me trouxe de volta à razão, de volta às minhas raízes. E dessa experiência dos últimos 18 meses, tenho pensado muito sobre os aspectos práticos da pneumatologia.

ONZE TESES

Creio que há na América do Norte hoje, duas correntes do cristianismo conservador, os quais não são satisfatórios. Há o cristianismo carismático - espírito livre, lado direito do cérebro, montanha-russa de experiências; e há o racionalismo evangélico - introvertido, lado esquerdo do cérebro, mente pensante, argumentativo. Nenhum dos dois são adequados. Por favor, não me entendam mal! Sou um cessacionista convicto! Creio que os dons de sinais cessaram no primeiro século. Mas creio que os cessacionistas precisam começar a levar a Deus mais a sério. Precisamos de um

arrependimento profundo e enraizado - tanto individual como coletivo.

Gostaria de compartilhar com vocês onze sugestões, onze desafios - onze teses, se vocês me permitem - que precisam ser abordadas. Não tenho 95 teses e esta não é a Igreja de Wittenberg. Como falei no início, esta lista está em seu estado inicial, e não segue nenhuma sequência.

1) Apesar dos dons de sinais terem "morrido" no primeiro século, o Espírito Santo não morreu. Todos nós podemos afirmar, não teologicamente mas pragmaticamente, que agimos como se o Espírito Santo tivesse morrido. Esta é a minha tese fundamental: O que nós, cessacionistas, afirmamos ser o trabalho do Espírito Santo hoje? O que Jesus quis dizer quando afirmou: "Minhas ovelhas ouvem a minha voz"? O que Paulo quis dizer quando afirmou: "Todos os que são guiados pelo Espírito são filhos de Deus"? O que João quis dizer ao escrever: "Vós tendes a unção que vem do Santo"?

2) Apesar dos carismáticos darem maior ênfase à experiência do que ao relacionamento, evangélicos racionais dão muito mais ênfase ao conhecimento do que ao relacionamento. Os dois estão errados, e Paulo, Em I Coríntios condena ambos. Conhecimento ensobrece, e experiência espiritual sem amor, é sem valor.

3) Esta ênfase no conhecimento sobre relacionamento, criou em nós uma "bibliolatria". Como o texto é o nosso instrumento de trabalho, o tornamos nosso deus, nosso ídolo. Deixem-me ser bem direto: A Bíblia não é um membro da Trindade. Uma senhora bem humorada da minha igreja me disse: "Creio na Trindade: O Pai, o Filho e a Santa Bíblia". Um dos grandes legados que Karl Barth nos deixou, foi o seu forte foco Cristocêntrico. É uma vergonha que muitos de nós reagimos tanto contra Barth, em nosso zelo em mostrar suas deficiências bibliológicas, que no processo nos tornamos bibliolatras. Barth e Calvin têm muito em comum: há emoção, piedade, devoção, reverência na presença de Deus, coisas que muitas vezes faltam em muitos livros teológicos escritos por nós.

4) O efeito de tal bibliolatria, é uma despersonalificação de Deus. Eventualmente não mais nos relacionamos com Ele. Ele torna-se o objeto de nossa investigação, ao invés de ser o Senhor a quem somos submissos; A vitalidade de nossa religião é sugada. À medida que dissecamos ou "trissecamos" (no caso de vocês tricotomistas), nossa atitude passa de "eu confio" para "eu creio que".

5) Essa despersonalização de Deus é explicada em parte por nossa crescente ânsia de controle. O que mais desprezamos nos carismáticos, é a sua perda de controle, seu emocionalismo. Nós tememos isso! Nos alivia o fato de um dos frutos do Espírito ser "domínio próprio". O que queremos dizer com isso, é que "fazemos tudo com moderação" - incluindo o louvor a Deus. Mas, não devemos ter uma entrega sem reservas em nossa devoção a Ele? Não devemos nos atirar em Seus braços, sabedores que sem Ele nada podemos fazer?

Pelo contrário, como típicos cessacionistas, queremos estar em controle todo o tempo. Mesmo que isso signifique descartar Deus. Foi essa questão de controle que manteve meu amigo Sam um cessacionista por muito tempo. Agora, como membro do movimento Vineyard, Sam está feliz: Ele reconhece que nunca na verdade esteve em controle. Em meio ao que considero ser uma mudança heterodoxa de sua parte, houve esta honesta descoberta do seu relacionamento com Deus.

6) Deus continua sendo um Deus de curas e milagres. Como um cessacionista, posso crer em milagres sem crer em milagreiros. Deus continua a ser um Deus de cura, apesar do Seu "modus operandi" normal não ser através de curandeiros. Se me permitem uma generalização, o problema com os carismáticos é que eles acreditam não somente que Deus pode curar, mas que Ele TEM que curar. Deus, então, passa a ser um instrumento, manipulado pelo "todo poderoso crente". Esta é uma das razões porque, historicamente, encontramos o movimento carismático entre os arminianos. Da mesma forma, o problema com os não-carismáticos é que, apesar de crerem que Deus possa curar, agem como se Ele não pudesse fazê-lo. Não

acho que eles crêem na "habilidade" de Deus - eles realmente não crêem que Deus possa curar. Assim, o problema com os carismáticos é a negação da soberania de Deus; O problema com os não-carismáticos é a negação da habilidade ou bondade de Deus ou ambas. Nenhum grupo está sendo completamente honesto com Deus. Nenhum dos dois está em completa submissão, confiando nEle.

Deixem-me ir mais longe: É possível para um calvinista dizer que um arminiano pode ser usado por Deus para levar alguém à salvação? Sim, eu creio que os calvinistas acreditam que isso seja possível. Então, não é a mesma coisa de Deus usar um "milagreiro"? Em outras palavras, posso eu, um cessacionista, afirmar que algumas vezes Deus cura alguém pela presença ou estímulo de um milagreiro? Talvez o doente, ou o milagreiro estava exercitando grande fé (afinal, os carismáticos tendem a acreditar mais que Deus tem a capacidade de curar do que os cessacionistas). Neste caso, não podemos dizer que, ao invés de dar poder ao milagreiro, Deus estava simplesmente honrando a fé?

Se esse cenário for verdadeiro, não devemos esperar que todas as pessoas tocadas pelo milagreiro sejam curadas. E é exatamente isto que encontramos: nem todos são curados. Da mesma forma, como o "modus operandi" normal de cura é através da fé de alguém, como um cessacionista posso afirmar tanto que há geralmente mais fé nos círculos carismáticos, como que não há hoje milagreiros. Posso afirmar que há milagres no meio deles, sem afirmar a existência de milagreiros.

7) O racionalismo evangélico pode levar a apostasia espiritual. Estou me referindo ao sufocar do Espírito que ocorre no treinamento de pós-graduação teológica, bem como quando somos "seduzidos" pela erudição teológica. Muitos de nós podemos pensar em exemplos de alunos brilhantes, dos quais fomos mentores, mas que no contexto acadêmico parecem ter perdido toda a sua convicção cristã. Para muitos de nós essa lembrança é bastante penosa. Quantas vezes mandamos nossos "Daniéis" à cova dos leões, e aí, através de nossas

ações, afirmamos que não adianta orar?

Uma história em particular me é difícil relembrar. Um dos meus mais brilhantes alunos de mestrado, cerca de treze anos atrás, foi fazer seu doutorado em outro país. Nós o preparamos muito bem em exegese, mas não em oração. Alguns anos atrás encontrei-me com este rapaz e descobri que não somente ele estava confuso sobre sua herança evangélica, mas até mesmo estava questionando a singularidade de Cristo. Este aluno suprimiu parte do arsenal que estava ao seu dispor: O testemunho do Espírito - algo que o não-cristão não pode tocar. Até hoje me pergunto quanto eu contribui para a confusão deste rapaz e para a inibição do testemunho do Espírito.

Não são somente as evidências históricas que levam alguém a abraçar a verdade da ressurreição. O Espírito deve trabalhar em nossos corações e sobrepujar nossa reticência natural. Quando nossos graduados avançam para fazer os seus doutorados, e esquecem que foi o Espírito que os levou a Cristo, e inibem o Seu testemunho em seus corações, estão prontos para serem levados à apostasia. Eles precisam ser relembrados - assim como todos nós que vivemos na vida acadêmica - que exegese e apologética não representam TUDO na vida cristã.

Não falo somente das experiências dos meus alunos. No meu programa de doutorado, enquanto seriamente lutava com a evidência da ressurreição, de repente meachei em uma crise existencial muito grande. Estava lendo teologia bíblica, lutando com essas duas brilhantes mentes, Rudolf Bultmann e Karl Barth. Me impressionei com o fato que, apesar de todas as fortes evidências históricas da ressurreição, há e sempre haverá espaço para a dúvida. Somente evidências não podem sobrepujar o espaço que há entre nós e Deus. Por mais que eu quisesse que evidências fizessem isso, não pude. Em um momento houve real desespero em meu coração. Eu estava tão tomado pelo objetivismo, que esqueci quem me trouxe primeiramente à fé. Somente quando eu, lutando contra minha vontade, aceitei que fé era ingrediente necessário, e o Espírito seu agente, foi que meu desespero

cessou. Os elementos não empíricos do evangelicalismo tornaram-se constrangimento para mim, ao invés de fonte de estabilidade.

8) Os grandes influenciadores do evangelicalismo racional desde a virada do último século, foram homens brancos, obsessivos-compulsivos. Desde os dias de Warfield, Hodge, Machen, o evangelicalismo americano tem sido dominado pelo senso-comum escocês, pós-iluminista, lado esquerdo do cérebro, obsessivos homens brancos. Talvez essa situação esteja reprimindo uma parte da imagem de Deus. Talvez esteja reprimindo uma parte do testemunho do Espírito. E talvez não esteja retratando o cristianismo histórico. (7) As implicações desses fatos são muitas. citaremos algumas delas.

A comunidade evangélica branca precisa escutar e aprender da comunidade evangélica negra. Fico fascinado em como a experiência de Deus na comunidade não-carismática negra é tão diferente da comunidade não-carismática branca. Em muitas maneiras se assemelha mais a experiência carismática branca do que a experiência cessacionista branca. Uma experiência completa de Deus deve acontecer no contexto da comunidade. E esta comunidade deve ser heterogênea. Se, como é largamente afirmado, 11 horas das manhãs de domingo é a hora mais segregada da América, então algo de muito errado está acontecendo com a Igreja.

O Espírito Santo não só trabalha com o lado esquerdo do cérebro. Também trabalha com o lado direito: Ele ativa a nossa imaginação, nos faz regozijar, sorrir, cantar e criar. Poucos cristãos estão engajados e totalmente envolvidos com as artes. Onde estão os autores de hinos? Onde estão os escritores? Pintores? O editor de uma revista cristã me falou que conhece apenas um excelente escritor de ficção que é cristão. O que as instituições de ensino teológico e a Igreja estão fazendo para os encorajar?

Geralmente as mulheres estão mais sintonizadas com o lado direito do cérebro do que os homens. Nós homens falhamos em não ouvir as mulheres que estão ao

nossa redor - e essa falha está relacionada a não darmos ouvido ao Espírito. Se a "Imago Dei" é masculina e feminina, e se suprimimos a valiosa contribuição das mulheres, distorcemos essa imagem diante de um mundo que nos espreita a cada instante.

9) Precisamos da direção do Espírito Santo para discernir a vontade de Deus. O racionalismo em nosso meio faz da tomada de decisão um exercício puramente cognitivo. Não há lugar para oração. Não há lugar para o Espírito. Creio que há um meio-termo entre esperar revelações diárias por um lado, e por outro lado basear as decisões somente na lógica e no senso-comum. O livro de Garry Friesen "Decision-Making and the Will of God" (Decisão e a Vontade de Deus), muito contribuiu para corrigir algumas noções em como agimos no cotidiano. Mas creio que ele exagerou um pouco. Posso não receber revelações, mas creio que o Espírito muitas vezes me guia com impulsos não-articulados. Admito que isso ocorre primordialmente no campo moral e Friesen estava lidando basicamente no campo amoral. Ainda assim, o reconhecimento básico que o Espírito me guia hoje em todos os aspectos, me torna mais sensível à Sua direção no campo moral.

10) Na busca do poder do Espírito, não podemos esquecer dos sofrimentos de Cristo. Esta é a mensagem de Marcos: Os discípulos não podiam ter Cristo em Sua glória, sem os Seus sofrimentos. Muitas vezes quando decidimos que é bom conhecer Deus, fazemos isso do nosso jeito. Novamente, falo de experiência própria. Há seis semanas atrás, um dos meus alunos morreu de câncer. Outro está em estado terminal. Comecei a conamar os alunos no Dallas Seminary a orar pela intervenção de Deus. O Senhor não respondeu nossas orações como esperávamos. Há três semanas atrás, Brendan Ryan foi sepultado. Minha dor aumentou quando eu vi seus três filhos pequenos no funeral. Visitei Brendan somente uma vez no hospital. Estava determinado a não deixar que isso acontecesse novamente.

Mais dois alunos meus estão muito doentes. Liguei para eles e os visitei na semana passada. E aprendi sobre sofrimento, sobre ser honesto com Deus. Eu

questionei Deus - e continuo a fazê-lo. Da minha dor - e da dor desses alunos e seus familiares, dor pelo meu filho e por mim mesmo - surgiu honestidade e amadurecimento. Há momentos em que duvido da bondade de Deus. Mas creio piamente que Ele já sofreu muito mais por mim do que eu jamais sofrerei por Ele. E é somente por essa razão que deixo que Ele segure minha mão ao atravessar o vale sombrio. Ao buscar o poder de Deus, descobri Sua pessoa. Ele não somente é onipotente. Ele também é o Deus de todo conforto. E o principal meio que o Espírito usa hoje para nos levar a Deus, é nos guiando ATRAVÉS do sofrimento - não para longe dele!

11) Finalmente, uma pergunta: O que Espírito testifica? Certamente a ressurreição de Cristo. E as Escrituras? Talvez a uma interpretação em particular? A assuntos escatológicos? A questões exegéticas? Não responda tão rapidamente! Algumas dessas questões precisam ser repensadas. Na verdade, meu desafio a vocês é este: Re-examinem os ensinamentos do Novo Testamento sobre o Espírito Santo. Não considere as passagens bíblicas superficialmente, mas debata o seu significado. Se o Espírito não morreu no primeiro século, então qual é a sua função hoje?

(1) - A isto eu chamaria de cessacionismo concêntrico, em oposição ao cessacionismo linear. Isto é, ao invés de se tomar uma posição linear cronológica, esse tipo de cessacionismo afirma que, à medida que o evangelho avança, como o efeito de ondas que uma pedra faz ao ser lançada em um lago, em um círculo espaço-temporal em expansão partindo da Jerusalém do 1º século, os dons de sinais ainda existiriam nos limites desse círculo. Assim, por exemplo, nos países do 3º mundo, nos quais o evangelho é pregado pela primeira vez, os dons de sinais podem aparecer. Esta visão permite aos dons surgirem nas fronteiras do cristianismo, mas não nas áreas já alcançadas pelo evangelho.

(2) Estou co-editando um livro neste assunto, provisoriamente intitulado "Quem tem medo do Espírito Santo?" ou "Cristianismo Pneumático - Uma Terceira Alternativa". Este livro está sendo escrito por cessacionistas para cessacionistas. Temos esticado ao máximo os nossos prazos, primeiro para agregar pessoas qualificadas, e segundo para dar aos dois editores tempo elucidar e articular o que Deus está fazendo em meio às suas crises. Também este trabalho está na fase inicial, e me perdoem por não ter o manuscrito para lhes oferecer.

(3) Havia 12 apóstolos no Light House. Os conhecíamos por seus primeiros nomes porque, como dizia o apóstolo Bob, "os apóstolos originais tinham apenas um nome"!

(4) Quando era estudante do científico, no final dos anos 60, visitei a Universidade da Califórnia em Irvine, para evangelizar em um fórum público. Na ocasião a Universidade foi tomada por manifestantes do SDS (um grupo de jovens socialistas), e foi fechada pois estava cercada pela polícia. Eu me infiltrei, na esperança de falar a centenas de estudantes universitários, sobre uma revolução bem maior do que o socialismo.

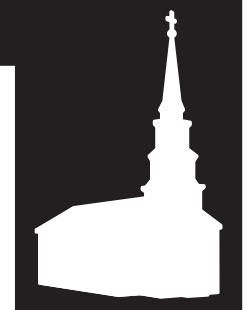
(5) Devo admitir que ela tem aquele conhecido temperamento escocês. Depois de quase 20 anos vivendo com ela, não queria que fosse de outro jeito!

(6) No primeiro caso registrado nos Estados Unidos em 1934, os sintomas eram tão fracos, que a criança morreu antes mesmo de seus pais suspeitarem de algo que os impulsionasse a levá-la ao médico.

(7) Seguindo esse mesmo raciocínio, Vern Poythress, em Novembro passado, leu um artigo na Sociedade Teológica Evangélica no qual ele afirma haver o "sobrenatural" entre cessacionistas. Parte do seu argumento se baseia no fato que cessacionistas do século XIX sentiam bem mais a presença de Deus e experimentavam Sua obra de uma forma pouco vista entre cessacionistas hoje.

TEOLOGIA PASTORAL

Edifícios de Igrejas! Precisamos Mesmo Deles?



Pense nisso! Se você perguntasse "onde fica a igreja?" em qualquer cidade importante do primeiro século alcançada pela fé cristã, seria conduzido a uma casa onde um grupo de pessoas estaria reunido. Não havia qualquer prédio especial com o qual associar "igreja", apenas pessoas.

Os cristãos não construíram edifícios até cerca de 200 d.C. Isso sugere que por mais úteis que sejam, os prédios não são essenciais, nem para o crescimento numérico, nem para a profundidade espiritual da igreja.

Na verdade, os dois primeiros séculos da história da igreja foram o período de maior vitalidade e crescimento. A igreja cresceu mais rápido quando não havia a ajuda - ou o impedimento - de suas instalações.

As instalações das igrejas são uma espécie de testemunho. Elas dizem muito sobre a igreja hoje.

UM TESTEMUNHO DE NOSSA IMOBILIDADE

Não há nada mais imóvel do que um prédio de igreja! Entretanto, nós cristãos somos (ou pelo menos deveríamos ser) peregrinos em viagem. Enquanto o evangelho diz "ide" nossos prédios dizem "fiquem"; o evangelho diz "buscai os perdidos", nossos prédios dizem "deixai os perdidos vir à igreja"; o evangelho nos torna "embaixadores" nossos prédios fazem de nós "receptionistas". No Antigo Testamento, o Tabernáculo portátil era o símbolo da presença de Deus. O Antigo Testamento não se cumpre em edifícios de pedras, mas em um templo de carne, em pessoas comuns regeneradas por Cristo Jesus. (Veja II Coríntios 6:19,20; Gálatas 2:20)

UM TESTEMUNHO DE NOSSA INFLEXIBILIDADE

Assim que erguemos um prédio nossas opções são reduzidas drasticamente pois o orçamento e programas da igreja já estarão determinados em grande parte.

Prédios são, por natureza, inflexíveis e

encorajam a inflexibilidade - pior ainda, a estagnação.

O culto de domingo permite a participação direta de apenas uns poucos, determinado pelo projeto do santuário. O culto, na verdade, é um programa em que a comunicação (se é que isso é comunicação) será de mão única - uma pessoa fala para o resto. Isso é ditado pela arquitetura e pelo sistema de som. A arquitetura petrifica o programa.

UM TESTEMUNHO DE NOSSA FALTA DE COMUNHÃO

Prédios de igreja podem inspirar uma "atmosfera de culto e reverência", mas não são feitos para comunhão. Em geral não são acolhedores, são desconfortáveis e impessoais.

Normalmente, a disposição dos assentos torna virtualmente impossível que os participantes possam olhar uns para os outros. É como se cada adorador estivesse em sua "cabina" isolada podendo ver apenas o "ministro",

Mas se vamos adorar juntos, precisamos estar juntos. É necessário que possamos ver faces atentas, olhos rasos de lágrimas, sorrisos silenciosos que nos mostram que algo está acontecendo.

Assim, a verdadeira *koinonia*, a comunhão cristã real e bíblica, está em falta na maioria das igrejas hoje.

Um visitante pode freqüentar uma igreja durante semanas e nunca encontrar a comunhão cativante, calorosa e amorosa que atrai uma pessoa a Cristo.

UM TESTEMUNHO DE NOSSO ORGULHO

A justificativa mais comum para construir igrejas bonitas e bem equipadas (o que em geral significa caras) é que "*Deus merece o melhor.*" Entretanto, muitas vezes isso não passa de uma racionalização do orgulho carnal.

Outros dizem "*Somos embaixadores do Rei dos reis, que tem riquezas inesgotáveis!*" É verdade, mas isso não justifica o uso de

preciosos recursos para construir "embaixadas". Não devemos esquecer que nosso Rei escolheu ser servo e nos chamou para servi-lo, servindo uns aos outros. (Veja Gálatas 6:13)

É muito comum também alguém afirmar: "*Precisamos de templos bonitos para atrair os perdidos à igreja.*" Há duas coisas erradas aqui. Primeiro, o conceito está errado - é a igreja que deve buscar o perdido e não o contrário; Em segundo lugar, a motivação está errada. Tentamos atrair o pecador apelando ao orgulho.

Há ainda aqueles que reivindicam que "*nossos prédios devem estar em harmonia, em estilo e valor, com a arquitetura da comunidade.*" Eu ouvi recentemente de uma igreja evangélica em Minas Gerais, cujo projeto arquitetônico é de Oscar Neymeier, um confesso ateu. Creio que isso é simplesmente uma forma de se conformar com o mundo.

Desde quando é tarefa da igreja impressionar pessoas com sua arquitetura ou se mesclar com o ambiente como um camaleão? A igreja deve se levantar por Cristo contra o consumismo e as vaidades da vida moderna.

UM TESTEMUNHO DE NOSSAS DIVISÕES DE CLASSE

Um sociólogo pode examinar dez edifícios de igrejas e inferir com certa precisão o nível de educação e de renda, ocupações e posição social da maior parte de seus membros. De acordo com o Novo Testamento, isso não devia acontecer. A igreja neo-testamentária era uma maravilhosa mistura de ricos e pobres, judeus e gregos, negros e brancos, incultos e instruídos, reconciliados em Cristo Jesus. (Veja Gálatas 3:26-28) Mas com seus prédios, as igrejas hoje estão anunciando publicamente que isto não é verdade.

O QUE ENTÃO DEVEMOS FAZER

Parar de construir e utilizar essas instalações? Utilizar arquiteturas mais simples? Menos programas centralizados nos prédios?

Lembre-se: durante os seus dois séculos de maior vitalidade e crescimento, a igreja cristã nunca sequer ouviu falar de edifícios

especialmente projetados para igreja. "Igreja" significava pessoas, a comunidade dos redimidos. Naqueles dias a igreja era móvel, flexível, acolhedora, humilde, envolvente - e crescia muito!

Devo admitir que sugerir que edifícios de igreja são um luxo desnecessário suscita de imediato protestos veementes. Entretanto, para mim "antes importa obedecer a Deus do que aos homens."

"Que fazer então com as propriedades?"

As palavras de Jesus em Mateus 19:21 sugerem uma opção para uma igreja com "muitas propriedades": "... vai, vende os teus bens, dá aos pobres... depois vem e segue-me."

"Mas onde os cristãos irão se reunir?"

Nos lares. Voltaríamos ao que Paulo chamava de "a igreja que está em sua casa". (Filemon 2)

"Mas precisamos de cultos coletivos, com grupos grandes." É verdade. Mas basta que a congregação alugue um salão, uma escola ou um centro comunitário onde possa se reunir uma vez por semana, e não gastar milhares de reais para ter um grande santuário usado só algumas horas semanalmente. Creio que pode ser até possível e recomendável o rodízio desse local de encontro, permitindo à igreja se fazer presente em várias áreas da cidade.

""Mas as pessoas não vão ser atraídas para uma escola ou salão alugado." Isso é irrelevante se a igreja for uma comunidade missionária e se a unidade básica for um grupo pequeno vivo e informal, pois nesse caso a evangelização ocorre fora da "igreja". Não há a preocupação de atrair não-comprometidos ao lugar de culto, pois quando eles encontrarem a Cristo virão para o culto alegremente onde quer que ele ocorra.

CONCLUSÃO

Nestes dias, tão semelhantes aos tempos do Novo Testamento, os edifícios tradicionais de igreja são um anacronismo que ela mal consegue manter. Isso não quer dizer que uma igreja nunca deveria possuir propriedades, mas sim que qualquer propriedade deve ser encarada sem apego, deve facilitar a missão da igreja, deve ser um meio, não um fim.

TEOLOGIA DISPENSACIONAL

O Que Nós Cremos...

SOBRE A BÍBLIA

**As Escrituras do Velho Testamento e Novo Testamento são verbalmente inspiradas por Deus, infalíveis em seus escritos originais, e autoridade suprema e final na fé e prática da Igreja
(II Tm. 3: 16,17; Hb. 1:1-3; 9:12,13; II Pe. 1:20,21)**

Por Charles F. Baker - Presidente Emérito do Grace Bible College (Faculdade Bíblica da Graça) em Grand Rapids, MI - E.U.A.

Extraído do livro *Bible Truth*, um comentário dispensacional da Declaração Doutrinária do Grace Gospel Fellowship (Convenção do Evangelho da Graça)

Traduzido para o Português por Jule Rose Rocha Rios e adaptado pelo Pr. Urian Rios

Isto é praticamente a reiteração da afirmação de Paulo: “toda a Escritura é divinamente inspirada” ou mais literalmente, é soprada por Deus. Cremos que a Bíblia é completa e inteiramente divina; que ela é, em realidade e em verdade, a Palavra de Deus. Cremos também que ela é inteiramente humana, no sentido de que todas as suas palavras foram escritas por homens, como Pedro afirma em I Pedro 1:20,21. Ela é perfeitamente humana e perfeitamente divina, assim como o nosso Senhor Jesus Cristo.

Rejeitamos totalmente as teorias da alta crítica literária que atribui aos vários livros da Bíblia, datas muito posteriores do que indica naturalmente a sua evidência interna, ou negam a declarada autoria destes livros. Tais ensinamentos, na prática, negam a singular inspiração que a Bíblia reivindica para si.

Mas não apenas é toda a Bíblia divinamente inspirada em seus escritos originais; ela é proveitosa. É muito importante enfatizar este ponto, especialmente considerando-se o fato que a Bíblia veio a existir como uma revelação progressiva de Deus. A Bíblia é um livro dispensacional. É evidente em muitas passagens que nem toda a Bíblia é dirigida a, ou escrita a respeito do mesmo grupo de pessoas. Certamente nenhuma das epístolas do Novo Testamento foi escrita a pessoas que viveram antes da vinda de Cristo e é da mesma forma evidente que os livros do Velho Testamento não foram dirigidos àqueles que vivem nesta dispensação atual. Baseados neste fato, alguns supõem que aquelas partes da Bíblia que não foram escritas para nós, devem ser descartadas e, na verdade, esta acusação tem sido feita muitas vezes contra aqueles que reconhecem o caráter dispensacional da Bíblia. Alguns chegam ao ponto de acusar o dispensacionalista de destruir a Bíblia tão eficazmente como o faz o modernista, apenas usando um outro método. Afirmam que o dispensacionalismo é muito pior do que a infidelidade aberta, porque ele começa afirmando piamente a inspiração divina da Bíblia, mas

termina cortando-a em pedaços. Assim, afirmam, pessoas sinceras são seduzidas por este ensinamento, apenas para descobrir no final que não sobrou nada da Bíblia.

Somos tão enfáticos quanto qualquer outro em denunciar qualquer sistema que descarte qualquer porção da Bíblia. Cremos que o maravilhoso, divino caráter da Bíblia é visto no fato de que, enquanto as suas várias partes foram escritas durante muitos séculos e a pessoas sob diferentes Dispensações do governo de Deus, TODA ela é proveitosa para nós hoje. Somente um livro divinamente inspirado poderia possuir tal caráter. A própria Escritura é clara a respeito disto: ela é “proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa

DEVE SER “MANEJADA” CORRETAMENTE

O apóstolo Paulo, a quem foi confiada a dispensação do mistério, e em cujas epístolas apenas encontramos esta revelação peculiar, diz-nos que tudo o que foi escrito anteriormente é para a nossa admoestação, sendo portanto proveitoso para nós (I Coríntios 10:11). Qualquer um que manipule a Palavra a fim de descartar, erra grandemente, não conhecendo a verdade e evidentemente não maneja corretamente a Palavra da verdade.

Entretanto, sem a divisão correta da Escritura pode-se chegar a uma confusão desesperadora. Quase todos os cristãos reconhecem a necessidade de se dividir entre o Novo e o Velho Testamento. Quem afirmaria que os mandamentos na lei de Moisés concernentes ao oferecimento de sacrifícios de animais ou a prática da circuncisão são para os crentes de hoje? Alguns nos diriam que estes mandamentos do Velho Testamento foram substituídos por novos e que nós hoje estamos apenas sob a obrigação de obedecer aos mandamentos do Novo Testamento. Mas perguntaríamos: o que realmente é o Novo Testamento?

Nos quatro Evangelhos e no livro de Atos, que estão incluídos nos vinte e sete livros que formam o chamado Novo Testamento, encontramos muitos mandamentos

e práticas que essas mesmas pessoas não obedecem, mais do que obedecem àqueles do Velho Testamento. Vender tudo e ter todas as coisas em comum, obedecer àqueles que se assentam no trono de Moisés, sair pregando sem ouro ou prata ou mesmo sem uma provisão básica como uma roupa extra, matar e comer o cordeiro pascal, curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar demônios e ressuscitar os mortos - todos estes são mandamentos e práticas contidos no livro que chamamos de o Novo Testamento.

DISTINÇÕES NECESSÁRIAS

É evidente, à luz das declarações acima e de muitas outras declarações semelhantes, que para manejá-la corretamente a Palavra devemos reconhecer outras distinções além das duas divisões principais da nossa Bíblia. Qualquer pessoa que aborda cuidadosamente o estudo da Bíblia, deve admitir que o Velho Testamento somente iniciou-se com Moisés aproximadamente mil e quinhentos anos antes de Cristo e pelo menos dois mil e quinhentos anos após Adão. Portanto, Gênesis não contém nada do Velho Testamento. Da mesma forma, deve ser reconhecido que o Novo Testamento foi realizado no sangue de Cristo, de modo que a maior parte dos quatro Evangelhos não está baseada no Novo Testamento.

Afirmamos, contudo, que até mesmo esta distinção suplementar não é suficiente para manejá-la corretamente a Palavra da Verdade. O livro de Atos certamente está baseado no Novo Testamento, pois é posterior à morte e ressurreição de Cristo - mas ele também contém muitas coisas que não são praticadas ou ensinadas por muitos cristãos evangélicos hoje: línguas, curas, milagres, ressurreição de mortos, batismo com água para a remissão de pecados, ter todas as coisas em comum e até mesmo pregar apenas aos judeus, são elementos encontrados na primeira metade deste livro. É verdade que o movimento Pentecostal moderno esforça-se para reproduzir estas manifestações miraculosas, mas com resultados obviamente duvidosos. Mas, por que a maioria dos evangélicos não inclui estas coisas em seu programa religioso e espiritual, se elas pertencem ao chamado Novo Testamento?

A SINGULAR VERDADE DO MISTÉRIO

A única divisão das Escrituras que atende a todas as condições e harmoniza toda a Bíblia, é a que leva em consideração a singular revelação da dispensação do mistério. A Nova Aliança foi profetizada em Jeremias 31:31 e é uma parte do plano divino que será consumado quando Jesus Cristo reinar como Rei de Israel e Rei dos reis aqui

na terra. Todo o Velho Testamento profetiza a respeito deste reino glorioso. Os quatro Evangelhos apresentam o reino como estando próximo. A parte inicial de Atos mostra a necessidade dos sofrimentos de Cristo e a introdução da Nova Aliança antes que o reino pudesse ser estabelecido e, posteriormente, oferece este reino a Israel sob a condição de arrependimento nacional. Mas o livro de Atos também é um registro da rejeição final do Messias e do Seu Reino por parte de Israel e da ação de Deus elegendo e enviando um novo apóstolo com uma nova e singular dispensação. As epístolas de Paulo contêm essa nova revelação do Cristo ressurreto e glorificado. Essa revelação é descrita como um Mistério que não havia sido revelado aos filhos dos homens em outras épocas e gerações. Portanto, ela é singular e diferente daquele grande corpo de verdade que verá a sua consumação no reino milenar. Cremos, como o Dr. C. I. Scofield, que somente nos escritos de Paulo “encontramos a doutrina, a posição, o andar e o destino da igreja” (Scofield Reference Bible, pág. 1252) desta dispensação. Isto quer dizer que as epístolas de Paulo contêm as instruções específicas para os crentes hoje. Obviamente, há muito em comum entre estas instruções através da Bíblia.

Resumindo: cremos que toda a Bíblia é verbalmente inspirada em seus escritos originais; que ela é proveitosa em sua totalidade para nós hoje, mas não necessariamente proveitosa para a mesma coisa em todas as suas partes. Cremos que para uma compreensão inteligente da Bíblia devemos obedecer a ordem divina de manejá-la bem. Cremos que para fazer isto devemos não apenas reconhecer as várias dispensações sob as quais Deus colocou o Seu povo Israel em relação ao reino Messiânico terreno, mas devemos também distinguir claramente tudo isto do presente propósito de Deus para o Corpo de Cristo (o “mistério”). Cremos ainda que toda a revelação paulina é a completa revelação para o Corpo de Cristo.. Negamos, portanto, o que alguns ultra-dispensacionistas afirmam, ou seja, que as primeiras epístolas de Paulo não são dirigidas aos membros do Corpo de Cristo nesta dispensação. Cremos que qualquer confissão de fé na inspiração divina da Bíblia que não reconheça estas distinções estabelecidas por Deus, resultará em confusão para o crente hoje em seu entendimento da vontade de Deus, em sua prática e em sua mensagem.

Cremos também na suprema autoridade da Bíblia; isto é, que a sua autoridade em assuntos de fé e prática é completa e final. Ela é o tribunal superior para onde devemos levar todas as questões de fé e moral para a decisão final. A história, os cursilhos, e os credos da igreja podem conter muitas verdades, mas não são, em nenhum sentido, fundamentos para a autoridade do que é a verdade. “A tua Palavra é a Verdade.”

Expediente

Ano III - Nº 4

Editor Responsável: Pr. Urian Rios
Tradutores: Pr. Urian Rios, Jule Rose Rios
Secretaria de Redação: Jule Rose Rios

Correspondência

Caixa Postal 4112 - Ag. Boa Viagem
Recife, PE - 51021-970

